

OUTRAS CARTOGRAFIAS DA CIDADE: MAPAS SONORO/IMAGÉTICOS DA PORÇÃO SUDOESTE DE DOURADOS (MS)

ARAUJO, Nicoly Silva ¹(nikaraujoo@gmail.com); **NUNES, Flaviana Gasparotti** ²(flaviananunes@ufgd.edu.br)

¹ Discente do curso de Geografia da UFGD – Dourados; PIBIC/UFGD;

² Docente do curso de Geografia da UFGD – Dourados;

Nas últimas décadas as práticas de ensino, que envolvem a utilização de mapas, têm sido valorizadas, o que pode se considerar um avanço quanto às questões de desenvolvimento de conhecimentos sobre o espaço geográfico. Porém, o que se questiona é a educação visual a qual somos submetidos por toda vida, principalmente na fase de escolarização. Este trabalho teve como objetivo investigar a diversidade sonora presente na cidade de Dourados (MS), buscando a elaboração de mapas que possam articular sons e imagens a fim de contribuir novas formas de cartografar o cotidiano, em específico, nessa cidade. O trabalho foi desenvolvido a partir da seguinte metodologia: leituras, análises e debates dos referenciais bibliográficos relacionados ao tema; identificação e mapeamento das escolas existentes na porção sudoeste da cidade; entrevistas com alunos do Ensino Médio da escola selecionada; conforme a indicação dos alunos nas entrevistas, foram selecionados pontos fixos nos quais realizamos as gravações de imagens e sons em diferentes horários, dias e posições de câmera; edição de sons e imagens. Em diálogo com os referenciais teóricos, elaboramos um mapa sonoro/imagético em forma de vídeo. O mapa sonoro/imagético produzido constitui-se de um ensaio audio-visual que articula experiências sensoriais vividas em perspectiva horizontal, que não podem ser percebidas em uma cartografia representacional na escala vertical. Assim, o mapa elaborado busca fomentar a discussão sobre como são concebidas as leituras, percepções e representações dos mapas utilizados, diariamente, em sala de aula. Buscamos com este trabalho, incentivar educandos e professores de Geografia a pensar sobre a necessidade de se enxergar não só a cartografia, mas todas as leituras, através de outras perspectivas e perceber os múltiplos sentidos espaciais que nos cercam durante a vida. O professor deve questionar o que já está fixado, estabelecido, no nosso caso, pela linguagem cartográfica representacional tradicional, não deixando de lado, claro, essa forma de perceber o mundo, mas pensando que ela pode não ser suficiente diante da dinamicidade em que o mundo e as pessoas se desenvolvem.

Palavras-chave: Linguagem, cartografia, ensino de geografia.

Agradecimentos: Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico pela concessão da bolsa de Iniciação Científica na Universidade Federal da Grande Dourados.